

ATENÇÃO!

Suas respostas devem ser escritas em, no **MÁXIMO, 3 páginas**, utilizando a folha de respostas.

PROVA DE SELEÇÃO PARA O DOUTORADO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

QUESTÃO:

Leia os fragmentos a seguir e, levando-os em consideração na sua reflexão, elabore um texto dissertativo sobre a temática abordada, a partir de uma das perspectivas teóricas da linha de pesquisa na qual pretende desenvolver seu projeto de tese.

TEXTO 1

“Com o separar a língua da fala, separa-se, ao mesmo tempo o que é social do que é individual; o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental.

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação, da qual trataremos na p. 142 ss.

A fala é, ao contrário, um ato individual da vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações.”

(SAUSSURE, F. Primeira Parte: Princípios Gerais. In: _____. **Curso de lingüística geral**. São Paulo, Cultrix, 1972 [1917], p.22.)

TEXTO 2

“No entanto, agora devemos nos perguntar: a língua realmente existe para a consciência subjetiva do falante como um sistema objetivo de formas normativas idênticas e indiscutíveis? Será que o objetivismo abstrato compreendeu corretamente o ponto de vista da consciência subjetiva do falante? Ou ainda, o modus de existência da língua na consciência subjetiva do falante?”

Devemos responder negativamente a essa pergunta. A consciência subjetiva do falante não trabalha com a língua como um sistema de formas normativas e idênticas. Esse sistema é apenas uma abstração, obtida mediante um enorme trabalho realizado com uma certa orientação cognitiva e prática. O sistema é um produto de reflexão sobre a língua, sendo que essa reflexão de modo algum é realizada pela consciência do próprio falante e está longe de visar à fala imediata.

De fato, o objetivo do falante é direcionado a um enunciado concreto pronunciado por ele. Para ele, não se trata da aplicação de uma forma normativa idêntica (por enquanto, admitiremos a sua existência) em um contexto concreto. O centro de gravidade para ele não se encontra na identidade da forma, mas naquela significação nova e concreta que ela adquire nesse contexto. Para um falante, não importa o aspecto da forma, que permanece o mesmo em todos os casos do seu uso por mais variados que eles sejam. O que importa para o falante é aquele aspecto da forma linguística graças ao qual ela pode aparecer em um contexto concreto, graças ao qual ela se torna um sinal adequado nas condições de uma situação concreta.

Expressaremos isso do seguinte modo: *para um falante, a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível.* Esse é o ponto de vista do falante.

No entanto, o falante deve levar em consideração o ponto de vista daquele que escuta e compreende. Será que justamente aqui entra em vigor a identidade normativa da forma linguística?”

(VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2017 [1929], p.176-177).

TEXTO 3

“A ideia fundamental do curso é a de que *a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma.*

F. de Saussure distingue a *língua [langue]* e a *fala [parole]*. A *fala* é o que se pode observar diretamente; é o que é emitido ou ouvido; é sempre um fato individual, que se produz num dado momento. A *língua* só pode ser conhecida através da *fala* e não se transmite senão pela *fala*. Mas ela é a realidade mais importante; é independente do indivíduo, porque é coisa social. Essa distinção da *língua* e da *fala* é essencial, e será preciso deixar-se penetrar por ela.

[...]

Tendo por objeto somente a "língua", F. de Saussure não se dedica de bom grado ao estudo da "fala". No entanto, é apenas estudando minuciosamente a *fala* que o foneticista pode conseguir descrever a *língua*. Não se aborda de frente o problema, singularmente difícil, que consiste em investigar como, observando-se a *fala*, pode-se definir uma *língua*. Ora, quantos mais os progressos da fonética permitem esclarecer a observação da *fala* e quanto mais a técnica da observação dos falares se aperfeiçoa, mais embaraçoso se torna o problema.

Por outro lado, se é lícito fazer numa dada realidade um corte arbitrário para estudá-la comodamente, não se deve imaginar que, por isso, se estudou completamente essa realidade. É legítimo examinar um fato de *língua* em si mesmo e constatar, por exemplo, que um antigo [d] está representado em germânico por um [t], e um antigo [λ] em francês moderno, por um [i]. Mas trata-se de fatos históricos que só adquirem algum sentido quando se investiga as condições que determinaram essas mudanças. Uma mudança que resulta do fato de que, ao adotar uma *língua* estrangeira, uma população conservou seus antigos hábitos articulatórios é coisa totalmente diferente de uma mudança que resulta de uma série de adaptações comandadas por alguma tendência, de caráter universal, a se articular da maneira mais natural possível. Ao separar a mudança linguística das condições externas de que ela depende, F. de Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração, necessariamente inexplicável.

[...]

E, se se quiser descrever uma *língua* atualmente falada, só é possível fazê-lo levando em conta as diferenças que resultam da diversidade das condições sociais e de toda a estrutura da sociedade considerada.”

(MEILLET, A. Resenha do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. In: _____, **A evolução das formas gramaticais**. Seleção, tradução e notas de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2020 [1917], p. 257-260).
